

## A Força e a Riqueza Cultural da Tradição Oral

### As gentes da nossa terra respiram música!...

Não sabemos explicar muito bem, talvez porque ainda não nos demos a esse trabalho, qual a razão porque em Loriga a música é quase tão importante como o ar que se respira. Vivemos a nossa infância em Loriga nos idos anos 60...

Quantas "tertúlias" não terão começado nas barbearias do Ti António Farias e do António Conde grandes amantes do Fado de Coimbra; na sapataria do Ti António Calçada, onde um número razoável de jovens aprenderam a tocar viola, Bandolim e outros cordofones; nalguns "balcões" quando as noites de verão eram aprazíveis, com o Ti Menano à guitarra ou o Ti Emídio Refina e a sua concertina e, tantos outros que a memória colectiva começa já a não recordar. E que belas vozes ecoavam pela noite loriguense!... Quantos bailes não começavam ao toque duma gaita-de-beiços?

Em Loriga, o povo manifestou sempre os seus dotes artísticos das mais diversas formas. Raro era o dia em que não se ouvia alguém cantar nos campos, acompanhando as variadas tarefas do cultivo do milho, do centeio, da batata ou simplesmente a cuidar de uma pequena horta.

Havia cantigas apropriadas para todas as ocasiões.

Quando chegavam as datas festivas, era ver os ranchos de moços e moças que se deslocavam a pé, sempre alegres, cantando as "loas" aos respectivos santos. Às vezes a viagem era bem longa!...

Mas... nem isso esmorecia o entusiasmo daquela gente que, após uma semana de trabalho árduo, só pensava em divertir-se, numa qualquer romaria das redondezas.

Para além disso havia a Banda Filarmónica! Ainda hoje quando nos deslocamos pela região raiana do Sabugal a Foz Côa, Almeida, Nave de Haver, Vilar Maior, Pêga, quando falamos em Loriga ouvimos referências elogiosas à Banda.

O que mais marcava as gentes desta região da orla da serra, era o facto de a Banda de Loriga se desdobrar em grupos mais pequenos que animavam as tertúlias locais. O grupo que melhor recordamos, talvez pela proximidade familiar era

assim constituído: 1 Trompete – Ti Augusto "bucha", 1 Caixa – Ti Zé Elias, 1 Sax Tenor – Ti António "da Santa", 1 Sax Soprano – Fernando "tripa", 1 Clarinete – Ti Augusto "bife", 1 Requinta – Fernando "requinta" e um Bombardino – Ti Mário "lapeiro". Não havia mordomo que não



disputasse um ou mais elementos deste grupo. Com eles a festa ia pela noite dentro!...

A chegada da banda era sempre motivo de alegria. Quando chegava de alguma festa ou romaria ouviam-se os foguetes que as mordomias ofereciam para que os músicos anunciassem a sua chegada a casa. O povo nunca faltava a este chamamento.

Quando o autocarro parava na "carreira" já as pessoas se acotovelavam para melhor se posicionarem no sentido de se incorporar na "procissão" que seguia a banda até à sede.

As gentes daquela terra respiravam música!

Havia também o rancho folclórico, com todo o seu colorido, que por altura dos Santos Populares organizava as marchas.

Na igreja, toda a gente cantava. Por vezes ouviam-se uns "pontapés na gramática", pois quem não sabia ler (era o país real) apanhava a letra de ouvido e, nem sempre, da forma mais correcta. Mas não se ouvia uma desafinação. As notas estavam todas no sítio certo!

Na Quaresma era a "Ementa das Almas". Todos os Sábados, altas horas, éramos acordados por aquelas vozes que vibravam no silêncio da noite. Nomes como o do Ti Zé Garcia, Fernando Gonçalves (meu pai), o recentemente desaparecido Zé Fernandes "aleixo" e do Fernando Pereira "requinta" (único ainda vivo desse grupo), por vezes acompanhados pelo clarinete e o trompete, marcam uma época importante na preservação desta tradição. Às vezes até sentíamos arrepios!...

De vez em quando havia um Teatro. E não havia Teatro sem variedades!

Ainda hoje trauteamos muitas das cantigas da "Revista" cantadas nessas sessões de variedades, no Salão Paroquial, a que chamavam "Melodias de Sempre".



De facto, as gentes daquela terra respiravam música!...

Havia os "KARTS", versão loriguense dos BEATLES. O Gabriel na Guitarra, o Zézito na Bateria, o Valdemar no Baixo e o vocalista outro Zé, o "bentinha". Posteriormente houve uma outra formação onde entrava o trompete do Joaquim "santinho" e o vocalista era o António Ferreira.

Mais tarde vieram os "FOCOS" do qual também fizemos parte e que ainda hoje existem. Quantos jovens não fizeram deste grupo a sua escola de música?

E as Festas da Vila?... Que pena terem acabado!...

Era uma semana de agitação e as

crianças, que nessa altura havia em quantidade, davam um colorido especial às festas. Animavam-se com os aviões no "Portugal", os carrinhos de choque na "Fonte do Mouro", as tendas e quiosques na "Carvallha" (ainda com a capela do Stº António) e o terraço do "Nunes & Brito" era um palco privilegiado pois era visto de toda a "Carreira".

Foram tempos que recordaremos sempre com saudade, mas foram tempos que deixaram marcas indeléveis que nos acompanharão e influenciarão para o resto da vida.

Voltando às gentes da nossa terra e à sua predileção pela música convém recordar que, não fora o testemunho passado



por alguns dos mais idosos e muitas "cantigas de roda" muitas "loas" e "ribaldeiras" teriam sido perdidas para sempre.

Vêm-nos à memória cantigas como a "Bonequinha" que ouvimos cantar de diversas maneiras, mas a que ficou mais viva foi a que ouvimos à tia Mª do Carmo, à tia Mª Emília e à tia Irene, com um contracanto interessantíssimo, arranjo que faria inveja a muitos orquestradores mais entendidos em harmonia que esta gente simples do povo. Povo anónimo que através da sua tradição oral vai permitindo manter audíveis cantigas como a "Morena", o "Maneio" "Adeus Terreiro do

Fundo", "O Rapaz do Chapéu Verde" e até o "Apita o Combóio" que tanto sucesso tem feito nos últimos anos.

**Mas...**

**O que é que os entendidos dizem sobre esta forma, curiosa, que o povo tem de transmitir a sua cultura?**

Segundo **Marcel Mauss (1993)** " a música define-se como um fenómeno de transporte, um «passeio pelo maravilhoso mundo dos sons e dos acordes».

*O sentido musical aparece muito desigualmente distribuído, segundo as sociedades. Ritmos, melodias, polifonias, variam em proporções consideráveis de uma sociedade para a outra e também no interior de uma mesma sociedade entre os sexos, as idades, as classes; música nobre e música vulgar, música militar, música sacra, música de cinema."*

Mais adiante o mesmo autor, referindo-se aos métodos de observação no estudo da cultura musical de uma sociedade afirma que:..."*Estudar-se-ão primeiro os instrumentos. O instrumento, onde existe, é um ponto de suspensão e um ponto de apoio da música."*

Afirma ainda que:..."*os ritmos são variados, porque correspondem, talvez, a danças...*

*...uma dança mimada que comporta figuras variadas, mudando o ritmo com cada gesto do mimo."*

Sobre os cantos de trabalho, refere que..."*estes são simplesmente uma forma particular de canto... e...são muito frequentes, em particular, entre as mulheres."*

Quisemos trazer aqui estas referências para podermos situar as nossas vivências musicais num contexto etnográfico, já que a etnografia recorre às fontes existentes no terreno, para levar a cabo uma investigação credível.

Não podemos ignorar que, de toda a música que se foi fazendo ao longo do tempo, nós só conhecemos e estudamos uma parcela muito pequena, uma vez que a parcela provavelmente maior se perdeu na voragem do tempo.

De facto, se pensarmos bem, não conhecemos a música dos Lusitanos, mas sabemos que eles celebravam as suas vitórias sobre os Romanos ao som de cânticos.

Da Idade Média, chegaram até nós os cânticos Litúrgicos Gregorianos, mas o povo dessa época decerto se divertia cantando e dançando nas suas ocasiões festivas.

Chegaram até nós, também, as Cantigas de Amor e de Amigo dos Trovadores. Mas era a música da Corte, da Nobreza. E o Povo? Como o povo não era letrado não podia escrever as suas cantigas. Assim, restava-lhes a oralidade como forma de passar as suas cantigas de geração em geração.



É evidente que através desta forma as versões originais são mais facilmente deturpadas, mas este método não terá, apenas, aspectos negativos. Pelo contrário. As cantigas foram sendo adaptadas às épocas e, de certo modo, evoluindo com os homens e mulheres que as

transmitiam.

Voltando à Beira e às nossas vivências.

A tradição oral revela uma outra dimensão – a da criatividade do povo.

Senão vejamos:

Por ocasião da ceifa muitos beirões se deslocavam para o Alentejo, para engrossar a mão-de-obra escassa, atendendo ao volume de trabalho exigido. Era um trabalho sazonal. Os “ratinhos”, assim eram conhecidos, regressavam às origens no final da estação.

Esta migração sazonal permitiu enriquecer substancialmente o património musical das duas regiões, uma vez que, os beirões levavam para o Alentejo as suas cantigas, que eram apreendidas e assimiladas pelos alentejanos e lá apreendiam e assimilavam as cantigas alentejanas que no regresso traziam para a sua região.

Um exemplo disto é a cantiga “**Eu hei-de ir ao Alentejo**”, recolhida por António Ascensão, em Loriga, na Serra da Estrela.

Os primeiros dois versos: Eu hei-de ir ao Alentejo / Buscar um alentejana – são cantados com uma melodia dolente com um ritmo típico do Alentejo

Os dois últimos versos: *Ai, ai, ai, pequenina e asadinha/ Ai, ai, ai, que saiba fazer a cama* – são cantados com uma melodia mais alegre e com o ritmo de uma dança de roda típica das Beiras.

Curiosamente este fenómeno de miscigenação musical não tem sido muito explorado pelos etnomusicólogos que têm feito escola no nosso país. Tanto mais que a região da Beira Alta e também a Beira Litoral são, ainda, em grande parte desconhecidas do ponto de vista da música de tradição oral. Poucas cantigas têm sido editadas originárias da Beira Litoral. A Beira Alta é sobretudo conhecida pela polifonia vocal da região de Lafões (Vouzela, S. Pedro do Sul e Oliveira de Frades), registada por Armando Leça em finais dos anos 30 e Michel Giacometti nos anos 60/70.

No entanto a obra “Alegrias Populares” com inúmeras cantigas recolhidas pelo Pe. Jaime Pereira na região da Beira Serra é de extrema importância para se conhecer e compreender a tradição musical das gentes serranas.

Outro contributo importante, mas que não foi publicado, foram as recolhas de António Ascensão que gravou na origem e posteriormente escreveu cerca de 200 cantigas que se cantavam na região.

Foram essas cantigas que alimentaram vários Grupos de Música Tradicional que proliferaram pela região nos anos 80. Destacamos os Grupos loriguenses “Amanhã” e “Novo Horizonte” e, mais tarde na ANALOR: “Malhapão”, “Arco-Íris” e “Eira da Pedra”.

Estando a música popular intimamente ligada ao sentir do povo, a tradição abrange os três grandes temas funcionais que estão na base da nossa cultura musical tradicional: a dança e os folguedos, os cantos de trabalho e os cânticos religiosos.

Daí que faça todo o sentido quando o povo diz:

**“A cantar se trabalha, a cantar se ora, a cantar se ama”.**

**Pinto Gonçalves**